

FOTOS: ANTONIO MOREIRA/AT



JOSÉ LAIRTON DE LIMA, 57, no Centro de Treinamento e Inspeção de Soldagem, o Cetisolda: “Muitos ex-alunos nossos estão trabalhando na Vale, ArcelorMittal, Samarco e em muitos estaleiros pelo País”

A TRIBUNA COM VOCÊ EM JARDIM AMÉRICA

Morador ensina profissão de soldador

Empresário abriu centro de treinamento no bairro que já garantiu a formação de mais de 6 mil profissionais

Tayla Oliveira

Morador do bairro há 45 anos, o empresário e soldador José Lairton de Lima, 57, há nove anos se dedica a ensinar a profissão de soldador em Jardim América, Cariacica.

Segundo ele, foi a sua experiência com solda que o motivou a abrir o Centro de Treinamento e Inspeção de Soldagem (Cetisolda), que já formou mais de 6.000 profissionais e hoje é o terceiro maior laboratório particular da área no País.

“Antes de abrir a escola, fiz uma

pesquisa em Cariacica e constatei que o município oferece muita mão de obra braçal, mas sem qualificação. Foi quando eu resolvi contribuir para que esse cenário mudasse”, disse.

Lairton ressalta que muitos que fazem o curso nunca tiveram contato com a prática. “Muitos chegam sem saber nada da área e aprendem. Mas há aqueles que nos procuram porque já possuem a prática, mas não têm certificado”.

Entre os cursos oferecidos estão os três processos de soldagem, como o eletrodo revestido, o MIG e MAG e o TIG; além de inspetor de soldagem; desenho mecânico e de caldeiraria e tecnologia da soldagem, entre outros.

Os cursos, que custam em torno de R\$ 1.800, são rápidos, têm carga horária de até 130 horas, e incluem aulas teóricas e práticas. Podem ser feitos em um mês e meio. Ao final, os alunos ganham certificado

e estão aptos a trabalhar em grandes empresas.

“Eles ficam aptos a trabalhar em áreas como indústria naval, metalmecânica, serralheria e tubulação em redes de gás de grandes empresas. Muitos ex-alunos nossos estão trabalhando na Vale, ArcelorMittal, Samarco e em muitos estaleiros pelo País”, explicou.

O soldador Cesar Bragâncio Rodrigues, 24, há oito anos fez curso profissionalizante no Centro de Treinamento e hoje trabalha como instrutor, ensinando a profissão. “O mercado de soldador é muito bom, mas falta mão de obra qualificada. Um profissional da área pode começar ganhando R\$ 1.500”, disse.

As aulas acontecem nos períodos matutino, vespertino e noturno, com capacidade para 180 alunos nos três turnos. Informações podem ser obtidas pelos telefones 3236-1449 e 99917-3708.

HISTÓRIA DO BAIRRO

Surgiu de uma fazenda

> **O BAIRRO** Jardim América surgiu da Fazenda Paul, com 100 casas populares, construídas em 1947 pela Companhia Melhoramentos de Vitória S.A.

> **O ANTIGO** dono da fazenda foi o padre Vitoriano Delgado. Ele vendeu a propriedade, que teve diferentes donos.

> **AS 100 CASAS** foram vendidas por 300 cruzeiros, valor de um aluguel em Vitória, na época.

> **O FUNDADOR** do bairro, Hugo Viola, batizou com o nome Jardim América porque viu o nome em viagens que fez ao Rio de Janeiro e a São Paulo.

> **O BAIRRO** se destaca por ser residencial, por cortar a BR-262 e fazer limite com Vitória e Vila Velha.

FONTE: Moradores do bairro.

COMO FAZER CONTATO

Sugira uma reportagem

Os moradores de Jardim América, em Cariacica, podem sugerir reportagens pelo e-mail atcomvoce@redetribuna.com.br. Quem mora em outras regiões também pode usar o mesmo endereço de e-mail para sugerir a visita do projeto **A Tribuna com Você** ao bairro.

AS RECORDAÇÕES



Poucas casas

Morador do bairro há 40 anos, o aposentado Hortêmio Paiva Tristão, 85, conta que o bairro mudou muito. Segundo ele, Jardim América tinha poucas casas, que pareciam barracos, simples e pequenas.

“O bairro mudou muito. Com o tempo, aumentou o número de moradores, assim como o de comércio. Hoje, porém, Jardim América é um bairro residencial e conhecido como região de passagem, já que é necessário passar por aqui para ir para diferentes lugares”, contou.

HORTÊMIO destaca mudanças



ALTAIR lembra de animais nas ruas

Valão aberto e mosquito

A aposentada Altair Leal, 91, mora em Jardim América há 60 anos. Ela lembra que o valão do bairro era aberto e, por isso, era comum ter muito mosquito.

“Quando cheguei aqui, eu estranhei muito porque o número de mosquito era muito grande. Hoje melhorou um pouco”, contou.

Além disso, Altair relembra que era comum ver muitos animais pelas ruas, como éguas e cavalos.

“Era comum as crianças brincarem com éguas e cavalos. Eu costumava dizer que esses animais eram as bicicletas daquela época”, disse.